

Pt. 10 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 20/02/2017

O Jogo da Esquerda/Direita já foi apenas um documento de 9 páginas, saindo de um envelope amarelo, descansando silenciosamente na minha mesa.

Lembro-me de lê-lo na hora do almoço.

Lembro que ele me fez rir.

A submissão chegou junto com a primeira postagem, percorrendo silenciosamente o escritório, tratada por todos como uma novidade efêmera e de pouco valor jornalístico. A história era fácil de descartar, muito semelhante às histórias de fantasmas desconexas e aos avistamentos borrados de OVNI's que enchiam nossa caixa de correio diariamente e que a maioria dos funcionários seniores aprendera a ignorar instintivamente. Condenado por associação, o documento foi rapidamente ignorado, e minha mesa foi apenas uma parada no caminho para a pilha de rejeições.

No entanto, eu estava curiosa, e depois de alguns meses sem intercorrências em minha nova função, não tive escrúpulos em pescá-lo na pilha de descartados. Coloquei o envelope na minha mochila, ao lado de vários outros rejeitados, fui até uma cafeteria local e comecei a lê-lo em uma poltrona perto da janela.

Por volta da página três, entre a descrição das regras do jogo e a lista exaustiva de "Habilidades Requeridas", minha boca começou a se curvar em um sorriso irreprimível.

Eles estavam gloriosamente errados sobre isso. Não era um conto paranoico, nem um apelo sensacionalista por atenção. Nessas páginas havia um vislumbre introdutório da obsessão apaixonada de um homem. À medida que lia, algo sobre sua excentricidade sincera, meticulosidade incrível e confiança inquestionável tornou-o impossível de abandonar. Quando virei a página final, lendo a última apresentação encantadora e refrescantemente bem formatada de Rob Guthard, eu sabia que essa era a história que eu queria contar.

Mais tarde naquele dia, me vi no escritório do editor defendendo isso. Eles não viram exatamente o que eu vi, mas eu tinha a intenção de conquistá-los de qualquer maneira. Eu disse a eles que a história seria cheia de personalidade, colorida, instigante e, no mínimo, rápida de contar.

Já se passaram doze dias desde então; dez desde que entrei no Wrangler pela primeira vez em Phoenix, Arizona, cinco desde que eu mesma o tomei, deixando Rob para trás na cidade silenciosa. Não atualizei muito os registros ultimamente, exceto por um conjunto regular de anotações feitas para meu próprio benefício. Com toda a honestidade, depois de terminar de escrever o meu relato sobre a cidade, fui atingida por uma sensação avassaladora de

inutilidade. Não sobrou ninguém para receber esses registros, nenhum amigo para revisar, nenhum editor para entregá-los. Parecia inútil manter o mesmo formato prosaico de antes.

Ainda concordo amplamente com esta avaliação. Foi apenas devido a um conjunto de circunstâncias excepcionais que optei por escrever o seguinte relato na íntegra.

A quem quer que isso chegue, quero agradecer pela leitura até agora.

Tenho certeza de que esta será minha última contribuição.

A lua apareceu e em toda a minha vida nunca testemunhei uma noite tão calma.

O ar está fresco e silencioso, e o Wrangler corta-o com clareza enquanto desliza por um trecho de asfalto plano. A cena é definida pela calma e solidão. Nem uma nuvem no céu, nem um sussurro solitário de brisa, nem uma única folha de grama se agitando nas margens verde-escuras ao meu lado.

No entanto, mesmo numa noite tão tranquila como esta, não consigo evitar de me sentir longe de casa. A cidade serviu como um ponto de virada nesse sentido. Antes de chegarmos àqueles monólitos titânicos, as paisagens pelas quais passamos geralmente se assemelhavam ao mundo que conheci. Deixando de lado algumas exceções óbvias, não havia nada nos ambientes que parecesse realmente desconectado da realidade. Tudo mudou agora. Os aspectos aberrantes deste novo mundo são impossíveis de ignorar, constantemente pairando no canto do meu olho, injetando passivamente uma sensação de admiração desconcertante na noite silenciosa.

Há alguns dias a lua começou a rachar como porcelana velha. A princípio, quase não percebi, pois meus olhos estavam fixos na estrada que surgia acima de mim, quebrando-se silenciosamente em três pedaços irregulares. A partir desta noite, o espaço vazio entre cada fragmento aumentou significativamente. Se eu focar no céu por um tempo, quase posso vê-los se afastando um do outro, traçando trajetórias infinitas e solitárias através de um cosmos árido, contra um cenário de constelações estrangeiras.

As próprias estrelas caem mais do que deveriam. O céu noturno desce além do horizonte e continua abaixo dele, envolvendo-se sob a margem gramada. É como se a estrada e as planícies estreitas de ambos os lados estivessem suspensas no meio de um vasto abismo; uma plataforma no meio do espaço aberto.

Pelo menos foi o que pensei no início. Não demorou muito para eu perceber que a lua quebrada aparecia duas vezes no céu, acima e abaixo de mim. Um par de satélites em órbita, idênticos e em perfeito alinhamento. Foi quando percebi que não havia estrelas abaixo de mim.

Eu estava apenas olhando através de uma superfície plana tão perfeitamente espelhada que lançava um reflexo perfeito do céu acima.

Eu estava dirigindo pelo centro de um lago.

A água está impossivelmente parada. Desde que deixei a costa ontem à noite, não vi nem uma onda, nem uma ondulação em sua superfície plácida. É também inegavelmente vasto, estendendo-se além do horizonte em todas as direções e continuando para além de onde os olhos alcançam. Tenho consciência de que as águas se estendem por uma distância indescritível e que eu alcançaria as próprias estrelas antes de pôr os pés na margem oposta.

Eu me inclino e mudo de marcha. O ato de dirigir o Wrangler foi assustador no início, mas depois dos primeiros dois dias, consegui me virar. Um lenço velho enrolado firmemente no volante serve como uma alça improvisada, permitindo-me navegar com uma mão. Não tenho uma solução elegante para a mudança de marchas, mas rapidamente me acostumei com o processo. Se aprendi alguma coisa com a estrada, é que a graça é a primeira vítima na luta pela sobrevivência. A adaptabilidade, por mais desajeitada que seja, sobrevive a cada passo.

Poucos minutos depois, me encontro em um grande círculo de terra cercado inteiramente por águas escuras. No outro extremo, a grama parece cair bruscamente no lago. A estrada continua, é claro, mas é a única coisa que acontece. Sem nada em ambos os lados, forma uma ponte estreita de asfalto perfeitamente plana, erguida sobre um leito de lama e rocha.

Eu pressiono minha bota no pedal do freio, fazendo o Wrangler parar firmemente no centro da clareira. Pela primeira vez hoje, abro a porta do carro e saio do assento. O barulho surdo do asfalto muda para um farfalhar suave enquanto caminho até a beira do lago.

Há algo na praia, um objeto quase imperceptível, quase totalmente escondido por uma vegetação rasteira verdejante. Foi um milagre eu ter conseguido avistá-lo da estrada, embora talvez algo na total uniformidade da paisagem o tenha feito sobressair.

À medida que avanço em direção à água e o objeto se aproxima, sua forma indeterminada se solidifica em minha mente.

É um braço humano que sai da água e chega à margem. Eu me agacho para examinar os poucos detalhes pertinentes. Os dedos ainda estão firmemente cravados no solo. A unha do polegar está quebrada, colorida por uma camada descascada de esmalte desbotado. Há uma aparência pálida e emaciada na pele, espalhando-se pelo braço até desaparecer sob uma manga grossa de lã. No ponto em que encontra a superfície, a água penetra no tecido, tornando-o preto em relação ao cinza original.

Com uma expiração triste, levanto-me e inclino-me sobre a beira da água.

O corpo de Marjorie Guthard jaz contra o lodo, a bochecha apoiada no leito do lago, os olhos arregalados e perplexos olhando para o lago aberto. Ela está quase perfeitamente preservada. Exceto pela impressionante tensão de sua pele e sua palidez cinzenta e manchada, ela se parece exatamente com a mulher que vi na curva 34 que tentou me afastar da estrada.

Parece que suas divagações não eram completamente vazias de fato. É claro que Marjorie teve seu sangue drenado, tão completamente que a única evidência de que o sangue fluíu em suas veias é uma grande mancha escura em sua blusa rasgada.

Não demora muito para que o culpado se dê a conhecer.

Enquanto olho para a água, um fluxo constante de sussurros parece vir das profundezas do lago. Os murmúrios falados em voz baixa chegam aos meus ouvidos, criando raízes no fundo da minha mente e instantaneamente florescendo em uma enxurrada de promessas profundamente persuasivas.

Fico totalmente paralisada olhando para a água parada enquanto uma miríade de ofertas generosas se desdobra em minha consciência. Os sussurros sugerem o fim das dores fantasmas no meu braço ausente, talvez até um membro completamente restaurado, mais forte do que o anterior. Além disso, mostra-me um vislumbre da sua extensão incompreensível, a sua margem mais distante alcançando incontáveis mundos, o seu ponto mais profundo situado abaixo de tudo. Me oferecem conhecimento total de cada espaço, cada pedaço, cada lugar inconcebível.

Minha mão se abaixa enquanto os sussurros continuam, cada barganha impregnada de doce beneficência. Um momento depois, meus dedos estendidos roçam a grama macia e envolvem o braço exposto de Marjorie.

Cravando os calcanhares no chão, me inclino para trás e puxo. A água ondula e espirra enquanto arrasto lentamente o corpo sem vida de Marjorie para a margem. Sinto as vozes em minha mente ficarem mais altas, irrompendo de raiva enquanto me afasto do lago.

As promessas foram convincentes, cada solicitação silenciosa inegavelmente persuasiva. Mas depois de ver o destino miserável de Marjorie e o olhar de traição eterna nos seus olhos vazios, dei por mim consciente de uma corrente sutil por detrás de cada sílaba, uma sensação de desespero e fome atemporal que emanava de debaixo da superfície do lago. Já tenho uma compreensão clara do que teria acontecido se eu tivesse me perdido naquelas águas. Suspeito que não seja por acaso que, das inúmeras praias que me mostrou, todas pareciam desertas.

Marjorie não teria tido a menor chance. Ela havia deixado a floresta sozinha, gravemente ferida e sem veículo. Ela percorreu todo o caminho até aqui, sangrando sem parar, o poder rejuvenescedor da estrada lutando a cada momento contra a inclinação natural de seu corpo para morrer. Suspeito que a influência da estrada não foi forte o suficiente, e quando uma voz sussurrante prometeu, tão docemente, consertá-la, ela não estaria em posição de recusar.

A outra manga roça a terra seca, e seu corpo sai da água pela primeira vez em décadas. Continuo puxando até que minhas botas atingem o asfalto, deixando-a na grama ao lado do Wrangler.

Depois de um momento de vigília sóbria, vou até a traseira do carro e pego a pá dobrável de Rob.

Seguem-se longas horas. Nunca cavei a cova de alguém antes e meu ferimento não contribui para a tarefa. Com o casaco de lã amarrado na cintura e pérolas de suor escorrendo pela testa, consigo desbastar lentamente a terra úmida. Cinco horas depois, com cãibras nas costas e a mão em carne viva por segurar a pá, tento baixar Marjorie até o buraco áspero com alguma aparência de graça, suas pernas caindo frouxamente no solo macio, apesar de meus melhores esforços.

Demora mais de uma hora para revolver o solo com uma pá. É uma tarefa preocupante e feia. Enquanto uma camada de sujeira cobre seu rosto, percebo que esta será a última vez que uma pessoa viva colocará os olhos em Marjorie Guthard. Enterrá-la de repente parece desrespeitoso, como se fosse um ato que não tenho o direito de realizar.

Uma vez feito isso, caio de joelhos, sentindo uma dor surda nos músculos enquanto aliso o chão perturbado com as costas da pá.

MARJORIE: Você.

Mesmo antes de me virar para ela, posso ouvir o mau humor em sua voz. Há uma profundidade odiosa naquela palavra acre, uma potente mistura de desprezo e acusação que parece estar apodrecendo em seus pulmões afogados há décadas.

Relutantemente, levanto-me e viro-me, encontrando-me cara a cara com a mulher que acabei de enterrar. Ela parece diferente agora, suas roupas estão secas, sua pele clara, sem nada visível do corte profundo e escuro em sua blusa.

AS: Marjorie.

Ao contrário do recipiente vazio abaixo de nós, a mulher à minha frente não está de forma alguma em paz. Ela treme e se lamenta com a mesma fúria indignada que testemunhei quando nos conhecemos. Quando ela fala, suas palavras estremece sob o peso de suas próprias emoções turbulentas.

MARJORIE: Eu persegui você. Eu corri para você. Eu... Eu desisti dele por você.

AS: Sinto muito, Marjorie, não sei o que você quer dizer. Me explique o que você quer dizer.

MARJORIE As coisas que vi, coisas tão lindas. E eu a vi caminhando sozinha pelos novos mundos. Eu desisti de tudo por você!!

Não sei bem o que dizer. É inútil perguntar-lhe o que ela quer dizer, tentar compreender suas divagações frenéticas. No final, só posso tentar falar a língua dela.

AS: Marjorie eu... Eu não queria que você fizesse isso.

A respiração trêmula de Marjorie explodiu em uma gargalhada desesperada.

MARJORIE: Ah... Ah, sim, você quis. Sim, você quis. E agora... Agora você está aqui.

O comportamento selvagem e volátil de Marjorie muda mais uma vez, sua risada se degradando ainda mais em um pânico desesperado e choroso.

MARJORIE: E o que eu faço agora? O que- O que eu faço?!

Marjorie se encolhe de terror com a pergunta autoimposta, colocando a cabeça entre as mãos e repetindo-a indefinidamente. Ao vê-la lutar contra o desespero, fico aturdida com uma ideia que nunca havia considerado antes. A noção desconcertante de que, na morte, não somos transportados para um destino definido por algum ser etéreo. Que, na verdade, nada está definido para nós. Talvez a maneira como passamos a vida após a morte dependa de nós mesmos, uma decisão que apenas nós podemos tomar.

Marjorie está de pé sobre seu próprio corpo sem vida, ainda perdida, ainda totalmente desconectada de tudo.

Não há sinal de paraíso sem limites, de condenação inevitável ou de nada eterno, e o fio condutor que partilham, uma libertação final do peso da nossa própria existência, está igualmente ausente. Talvez nunca consigamos essa liberdade, talvez continuemos como sempre, acompanhados de todas as nossas imperfeições, incertezas e descontentamentos.

Talvez devamos escolher a nossa eternidade.

Depois de todo o meu tempo na estrada, essa é possivelmente a noção mais assustadora que já encontrei.

AS: Ele nunca parou de procurar, você sabe.

Marjorie sai de seu desespero miserável, instantaneamente ciente de quem estou me referindo, olhando para mim com uma expressão que não a tinha visto usar antes.

AS: Eu o vi andando na estrada. Ele não parou. Ele nunca iria parar. Acho que ele estava procurando por você, Marjorie, e ainda está.

Marjorie olha através de mim. Pela primeira vez desde que nos conhecemos naquele canto tranquilo, posso ver a leve faísca de algo diferente de miséria e raiva em seu rosto manchado de lágrimas.

Mantenho seu olhar por mais um momento, antes de tirar meu telefone do bolso. Em uma única varredura em meus contatos, excluo todos os números, exceto um. Um número que tirei do Nokia durante nossa segunda noite na estrada. Um número que se conecta a um andarilho perdido na estrada.

AS: Não sei se isso pode ajudar, mas... Coisas estranhas aconteceram.

Enquanto ela olha nos meus olhos, sinto como se finalmente estivéssemos nos encontrando pela primeira vez. Sem dizer uma palavra, Marjorie estende a mão trêmula e tira o telefone dos meus dedos estendidos.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Marjorie Guthard se foi.

Alguns momentos depois, uma brisa refrescante atinge minha bochecha, um beijo suave esfriando meu rosto ainda quente. É uma sensação bem-vinda e o primeiro movimento que testemunhei no ar desde que entrei no lago. Enxugando o suor da testa, olho em silêncio ao longo da ponte, a brisa aumentando ao meu redor.

A princípio é um vento sutil, que espalha cabelos soltos em minha testa, esfriando o suor em meu pescoço. No entanto, quando estendo a mão e sinto o ar deslizar entre meus dedos, sou testemunha de um aumento constante em força e magnitude.

O som do vento passa de um sussurro a um uivo. Segundos depois, as mangas penduradas do meu casaco de lã começam a balançar para os lados. Meu cabelo se levanta das costas, ondulando no meio de um vendaval em desenvolvimento.

Encosto-me no capô do Wrangler enquanto o ar finalmente irrompe em um ciclone estrondoso e cacofônico. Minha mão busca reflexivamente a estrutura robusta do Wrangler, meus dedos envolvendo a grade, meu braço tenso enquanto o vento implacável ameaça me arrastar para fora da estrada.

Apertando os olhos em meio à violenta tempestade, concentro-me em um único ponto no espaço, logo acima da soleira da ponte. No meio da tempestade, uma linha irregular de luz branca e quente irrompe do éter, rasgando o tecido da noite, uma fissura crepitante que se alarga e se abre, rompendo as cortinas da realidade enquanto elas lutam freneticamente para se recombinarem.

Olhando através da fratura trêmula, sou submetida ao mais breve vislumbre de uma vista ilimitada e impossível. É um lugar distante, tanto na distância quanto no tempo. Uma paisagem

de sonho dolorosamente bela e gloriosamente aterrorizante, que perdura nas majestosas margens do infinito. Cada momento abrange um milênio e se desdobra em inúmeras direções ao mesmo tempo. Cada sombra que passa contém uma escuridão além da medida, suas bordas queimadas pelo brilho de um sol acordado que olha para todos os mundos concebíveis com uma intenção vazia e rancorosa.

No meio desta paisagem enlouquecedora, uma entidade singular se aproxima, deslizando em direção ao portal com a clara intenção de passar. À medida que ela atravessa o portal, o vento diminui ao seu redor e eu olho para sua grande forma celestial.

O ser é diferente de tudo que já vi, composto inteiramente de arcos elétricos de luz magnética brilhante que irrompem de um núcleo central volátil e ofuscante. Parece uma tempestade com raios e tentáculos plasmáticos que estalam, explodindo caoticamente no ar noturno antes de desabar sobre si mesmos. À medida que caem de volta ao centro da criatura, emitem nuvens pálidas de fractais vaporosos que desaparecem suavemente no ar.

De alguma forma, mesmo quando meus olhos mal se ajustam à luz forte, percebo que a entidade diminuiu seu brilho para meu benefício, para que possa aparecer diante de mim sem queimar meus olhos nas órbitas.

AS: É você... Não é? Você é a voz que tenho ouvido. Foi você quem me trouxe aqui.

O turbilhão de luz eriçado paira no ar, crepitando e mudando, seus membros transitórios brilhando com uma incandescência caótica. Parte de mim quer se esconder, parte de mim quer fugir, mas nenhuma delas é mais uma opção. Soltando minha mão da grade do Wrangler, dou um único passo à frente, ficando sozinha e olhando para o núcleo fumegante da entidade.

AS: Você pode me dar uma entrevista?

A criatura não reage. No silêncio seguinte, sinto-a me observando. Quando finalmente responde, sua voz rompe a noite, ecoando em meu crânio.

VOZ: Há pouco tempo, mas você pode me dizer quais dúvidas tem.

Cada sílaba reverberante forma uma série de ondas de choque literais no lago circundante, emanando do ser em um círculo perfeito. Observo as ondas rolarem ao longe, sem mostrar sinais de diminuir, e penso em que pergunta fazer primeiro.

No final, isso me ocorre rapidamente; afinal, uma promessa é uma promessa.

AS: O que aconteceu com Marjorie? Por que ela fez o que fez?

O ser faz uma pausa, como se estivesse considerando sua resposta. Quando responde, fala com calma e sobriedade.

VOZ: Ela vislumbrou um eco do futuro, sonhou com a estrada, com as coisas por onde ela passa.

AS: Tipo, o que quer que esteja por aí?

Apondo para o portal, que agora está quase totalmente bloqueado pela forma em espiral da criatura.

VOZ: Ela sonhava com fronteiras incalculáveis e viu uma mulher solitária caminhando entre elas. Com o tempo, o cumprimento dessa visão tornou-se tudo para ela.

AS: Mas não era ela... Ela pensou que estava vendo seu próprio futuro... Mas era-

VOZ: Era você.

Essas duas palavras, ao irromperem no ar livre, lançando ondas estreitas sobre a água sem limites, atingiram-me com uma força profunda e pesada. Sem que eu soubesse, décadas antes de eu nascer, Marjorie havia enlouquecido por sonhos de grandeza, de uma vida de possibilidades ilimitadas e de verdadeiro significado. Ela desistiu de tudo para perseguir uma sombra... Uma sombra que acabou por ser minha.

Eu não tinha apenas puxado Rob para este jogo, eu era a razão de tudo. Eu fui a causa da tragédia que se abateu sobre toda a sua família.

AS: Ela não apenas sonhou com essas paisagens. Você a influenciou. Você a deixou vê-las... Da mesma forma que fez Rob me ver em Aokigahara. Você empurrou e cutucou onde precisava para que eu acabasse aqui. Você é a razão pela qual Bobby aprendeu as regras em primeiro lugar?

VOZ: Sim.

AS: Mas... Por quê? Você brincou com tantas vidas ao longo de... Ao longo de décadas. Por que eu? Por que é importante que eu viaje pela estrada?

VOZ: Porque em toda a humanidade, em todas as combinações possíveis, você é quem chega mais longe.

Sua fala é clara, como se a afirmação fosse a única conclusão possível. No entanto, suas palavras me fazem silenciar.

A criatura continua.

VOZ: Eu observei você chegar até aqui, por meio de habilidade e tenacidade... E inegavelmente por meio de sorte. Você foi trazida aqui por causa dessas qualidades, e elas a levarão mais longe na estrada do que qualquer outra pessoa.

AS: Então por que você simplesmente não me trouxe aqui? Toda essa influência e você não levantou um dedo... Depois de tudo que aconteceu-

VOZ: Os eventos aconteceram conforme necessário.

AS: Como eles... Eram necessários?! Pessoas morreram! Marjorie. Bobby. Ace. Apollo. Eva. Lilith. Todos. Todos eles se foram. Você não se importa nem um pouco?

Em resposta às minhas palavras, a entidade permanece em silêncio por mais tempo que o normal.

VOZ: Eu me importo mais do que você imagina. Existem coisas maiores do que a sua compreensão, forças que existem além dos domínios da sua mente e que você consideraria uma ameaça a tudo o que lhe é caro. Minhas ações foram guiadas por um padrão mais elevado de conhecimento. Seus protestos baseiam-se em falso entendimento.

AS: Você está dizendo que não entendo a morte?

VOZ: Você não entende.

AS: ... Isso ainda não significa que esteja certo.

VOZ: Independentemente disso, minha influência é necessária. Aquilo que é necessário deve ser.

AS: O que você é?

VOZ: Não posso responder a essa pergunta de maneira que você entenderia.

AS: Isso não é bom o suficiente.

A criatura não responde, como se não sentisse necessidade. Até agora, todos os meus argumentos foram retornados com uma certeza impenetrável. Do domínio que ocupa, sabendo o que sabe, os meus argumentos devem parecer infantis. Mesmo que sentisse a necessidade de se justificar, depois de ver o lugar de onde veio, me pergunto se há alguma maneira de compreender seus motivos.

Ainda assim, isso não significa que meus argumentos sejam inválidos, e o altivo desapego da criatura pouco mais faz do que alimentar meu desejo de me opor a ele.

AS: E se eu não quiser fazer parte disso?

VOZ: Você está viajando pela vertente aberrante; uma falha singularmente estável na estrutura da realidade. À medida que isso a afasta do mundo que você conhece, você se libertará da influência das antigas leis. Você já notou os efeitos naqueles que estabeleceram o caminho, naqueles que se perderam nele e em você mesma; energia sem consumo, conhecimento sem experiência necessária. Vocês estão eliminando a entropia e a causalidade e, com o tempo, alcançarão níveis de compreensão que atualmente não conseguem compreender. Você encontrará respostas para perguntas que nunca pensou em fazer. Você descobrirá a verdade absoluta. Por esse motivo, você continuará.

AS: Essa é a única razão?

VOZ: Você precisa de outra?

Não parece uma pergunta, mas sim outra declaração contundente de um fato. Eu entendo o efeito de que está falando. Desde a cidade, tenho encontrado noções vagas e ideias fragmentadas que me ocorrem aleatoriamente e sem aviso prévio. Novos caminhos de pensamento que levam a revelações que de outra forma estariam além do meu alcance mortal.

Comecei a compreender coisas que mal poderia ter concebido em casa e, embora o início dessas noções tenha sido assustador, elas ficam menos assustadoras a cada dia que passa.

AS: Não... Não, eu não confio em você. Eu não-

VOZ: Sua confiança é desnecessária. Você viajará pela estrada de qualquer maneira.

O brilho já forte da criatura começa a se intensificar.

VOZ: Eu observei você em cada curva... Em cada momento de sua jornada.

Uma das inúmeras saliências da criatura ataca o ar vazio, formando outra fissura dura e brilhante. Ele se abre com alguns solavancos, uma membrana transparente, quase cristalina, esticada através da abertura. Através dele posso me ver, no centro de um milharal, examinando um bloco de explosivo C4.

É como se eu estivesse olhando para o passado através de um caco de vidro.

VOZ: Eu vi você questionando.

Embora não possamos ser vistos através da abertura, vejo a membrana semelhante a vidro tremer com a força da voz da criatura. Quando a janela desaba, posso ver as fileiras de milho em frenesi.

Um segundo arco atinge o céu, formando uma segunda abertura. Desta vez estou esperando a visão diante de mim. Eu me vejo chorando na floresta... Um rádio silencioso ao meu lado.

VOZ: Eu vi você lutar.

A segunda janela se fecha. A criatura deixou claro seu ponto de vista.

VOZ: Eu vi você lutar para chegar até aqui. Você não vai voltar.

AS: Você faz parecer que não tenho escolha.

VOZ: Você tem uma escolha, Alice, mas você já a fez.

Por mais que eu tenha passado a detestar a presunção da criatura, naquele momento, sei que está certa.

O que está dizendo é verdade. Fiz coisas que nunca teria imaginado para chegar onde estou agora. Na verdade, se esse ser não tivesse chegado, eu já estaria atravessando a ponte.

Não tenho orgulho do que me motiva; aquele mesmo impulso feio que me levou a recusar a oferta de retorno de Rob, que tornou tão fácil deixá-lo para trás na cidade silenciosa. Mas não há como negar que o impulso existe. Esteve comigo o tempo todo, muito antes de eu chegar em Phoenix, Arizona... E está enterrado mais profundamente do que eu jamais quis admitir.

AS: Posso... Posso dizer adeus?

A entidade não diz nada. Ela paira no ar, tremeluzindo e fluindo com raios de luz. A próxima coisa que ouço é um leve zumbido mecânico vindo do Wrangler atrás de mim. Viro-me e ando rapidamente de volta para o carro, abrindo a porta e alcançando o banco do passageiro. Meu notebook está inicializando, aparentemente por conta própria.

Pego o laptop e levanto a tampa enquanto caminho de volta para a ponte. Eu olho para o ser silencioso diante de mim. Quando olho para o laptop, meu e-mail já aparece na tela.

AS: Quanto... Quanto tempo eu tenho?

VOZ: Tempo suficiente.

A entidade começa a regredir, seus arcos diminuindo à medida que o ser em sua essência se afasta. Sua mensagem foi entregue. Não há mais nada para discutir.

À medida que ela passa pelo portal, para um mundo desconhecido, muito distante do meu, eu a chamo.

AS: Ainda não tenho certeza se confio em você.

O ser se concentra em mim mais uma vez, quando a fratura começa a se fechar. Um conjunto final de ondas passa pela superfície do lago enquanto ele responde solenemente.

VOZ: ... Eu me lembro.

Um momento depois, o ser se foi.

Fico imóvel no meio da estrada, as observações finais da entidade tomando conta de mim, sua curiosa escolha de palavras ecoando em minha cabeça. No silêncio renovado, os leves sinais de uma revelação avassaladora e terrível começam a se formar em minha mente.

Poderia simplesmente ter dito que sabia da minha desconfiança, que ouviu as implicações na minha voz, viu o desdém no meu rosto ou de outra forma o sentiu no espaço entre nós. Em vez disso, o ser falou como se meus sentimentos atuais fossem uma memória, morando em algum lugar nas suas profundezas.

Era inegável que o tempo que passei na estrada estava me mudando, mas durante todo esse tempo eu nunca havia realmente considerado como essas mudanças poderiam evoluir à medida que minha jornada continuasse.

Nunca pensei no que poderia ganhar, no que poderia perder... Ou no que poderia inevitavelmente me tornar.

Passa-se um tempo antes que eu baixe os olhos do espaço vazio acima da ponte para a tela do meu notebook. Abaixo-me, cruzo as pernas e apoio as costas no Wrangler.

Se você está lendo desde o início, finalmente me alcançou.

Espero que você me permita algumas mensagens pessoais.

Para Rob. Espero que você consiga ler isso algum dia, e sinto muito por tudo que fiz; por tudo que eu possa fazer. Espero que você entenda que eu não sabia e que nada disso foi culpa sua. Você fez o melhor que pôde e os dias que passei com você foram os mais significativos da minha vida. Foi uma honra conhecê-lo e espero que, entre estas páginas, você encontre as respostas e a paz que merece.

Para minha mãe e meu pai. Sinto muito por não ter contado nada disso para vocês antes. No final, fui levada por esse caminho por um profundo egoísmo e simplesmente não consigo encarar vocês. Não consigo imaginar a dor que vou causar e não tentarei justificar minhas ações. Tudo o que posso dizer é que os amo e lamento que meu último ato com vocês tenha sido de covardia.

E finalmente para você, a pessoa a quem esta mensagem será endereçada. Desculpe. Sempre pensei que um dia veria você novamente, que os caminhos que tomei acabariam me levando para casa. Isso não parece tão provável agora. Embora eu pudesse dizer muito para você, não vou fazê-lo.

Mas eu gostaria que pudéssemos ser amigos por mais tempo.

Parece que se passou uma vida inteira desde que cheguei à rua tranquila de Rob Guthard. Lembro-me da incerteza enquanto esperava que ele abrisse a porta, sem nenhuma ideia concebível do que estava prestes a acontecer.

Como tantas outras coisas, isso agora mudou. Apesar de estar em um mundo totalmente novo, mais longe de casa do que qualquer pessoa já esteve, sei exatamente o que vai acontecer a seguir.

Vou dar uma volta. Virar à esquerda, depois a próxima estrada possível à direita, e depois a próxima estrada possível à esquerda. Repetirei o processo ad infinitum, até chegar a algum lugar novo.

E a partir daí continuarei dirigindo, além dos mundos, além do tempo, além dos limites da minha imaginação. Para um lugar onde o lago seca, onde a lua quebrada se afasta e as estrelas desaparecem no retrovisor.

Para um lugar onde tudo desmoronou e a estrada é tudo que existe.